

Artes plasticas

19 PINTORES

III

1-5 47  
Journal de  
S. Paulo

Seguindo a ordem do catalogo, o primeiro pintor que se apresenta, logo á entrada da Galeria Prestes Maia, é Aidemir Martins. O jovem cearense ensaia nos seus trabalhos o que aessa trinta vêm fazendo os romancistas nordestinos: o drama dos retirantes associados pelas secas perioaiicas. E sem duvida sai-se bem, comunicando ás suas telas o que desde trinta vêm fazendo os u. suas figuras, torturadas pela maldição telurica, são como enamas santas em ascensão. Dai, talvez, a adoção da solução moaiquanesca, bem realizada.

Antonio Augusto Marx, como seu vizinho, realiza-se num figurativismo pleno. Mas o que importa assinalar aqui é seu real progresso, longe que está de suas antigas mostras, sombrias. A luz começa a penetrar nos seus trabalhos. Na aquarela (28) todo seu espirito de análise se concentra para a consecução dum excelente trabalho.

Claudio Abramo tambem comparece, com desenhos interessantes, ora onirico, ora sarcastico, e "essentido urenistico. Aquelle Largo phiccano-os" com legendas em incoroado de pleno exito, há um pequeno escanato em torno de seus desenhos, como há cincoenta anos atrás havia escanato em torno dos desenhos explicados dos dadaistas...

Flavio Ciro Tanaka comparece com varios trabalhos, policoloridos, nostalgicos das ilhas pacificas, inspirados de Gauguin. Suas duas figuras, por exemplo (75) são saborosas. Como são saborosos os trabalhos de Jorge Mori, o menino-revelação que com apenas 14 anos comparece ao lado de velhissimos "novos". Pintura exuberante, talvez será algum dia a mais representativa de São Paulo pelo seu sentido urbanistico. Aquelle Largo de Pinheiros será o marco inicial duma corrente que retratará São Paulo em todos os seus angulos, como aliás já vêm fazendo Manuel Martins e Vicente Mecozzi.

L. W.

Artes plasticas 3-5  
47

J.S.P. 19 PINTORES

IV

Lothar Charoux está bem representado com sua casa de fazenda sob um ceu tempestuoso (114). Mas, um dos pontos altos dessa mostra é indiscutivelmente Luis Andreolini. Dois trabalhos seus (122 e 125) fariam a gloria não dum mero "novo", mas inclusive dos nossos grandes artistas sonolentos. De resto, em Luis Andreolini repousa uma esperança da pintura de São Paulo, que são duas (a outra é Marcelo Grassmann).

E por falar em Grassmann, temo-lo aqui. Ilustrador talentoso, apela para o mais fundo de sua raça para a consecução de desenhos tenebrosos, morbidos, sarcasticos, e ironicos. Seus modelos se estorcem sob traumas nervosos, como se estivessem com colica, ou sob a ação duma espectoração afogada em hemoptises. O assunto, a figura, o motivo, são o fio condutor desse jovem desenhistta torturado e, o que é pior, torturador. Porém, mesmo abstraindo a intenção figurativa, restam linhas — linhas sublimes então, riscadas com mão firme e obediente, capazes delas só dizem mais que a figura que mantem dentro de seus limites. Imaginoso, ora lírico, ora melancólico, Marcelo Grassmann se esbaldá nos seus desenhos, numa ostentação estroina de talento, que escorre de seus trabalhos e inunda toda a Galeria Prestes Maia. Ele só vale a exposição.

Em Maria Helena (Milliet Fonseca Rodrigues) está a representação surrealista da mostra. Naturalmente sua contribuição é corrente que abraçou é insignificante, mas tem uma virtude: a de convencer que o surrealismo não é apenas desenho chato (no sentido português) e assunto, mas um autentico exercicio de materia, de volume — plastico em suma.

L. W.